

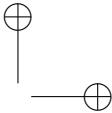
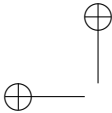
NIETZSCHE
(Friedrich Wilhelm)



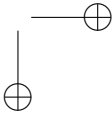
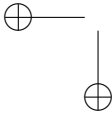
Manuel Barbosa da Costa Freitas

1991

www.lusosofia.net



Texto publicado na LUSOSOFIA.NET
com a benévola autorização da Editorial Verbo,
onde a obra integral do Professor
Manuel Barbosa da Costa Freitas foi editada:
O Ser e os Seres. Itinerários Filosóficos,
2 vols., Editorial Verbo, Lisboa, 2004
(1ºVol., pp. 717-723).





LUSOSofia:press

Covilhã, 2008

FICHA TÉCNICA

Título: *Nietzsche (Friedrich Wilhelm)*

Autor: Manuel Barbosa da Costa Freitas

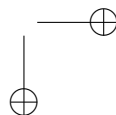
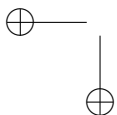
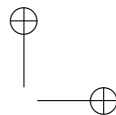
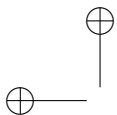
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

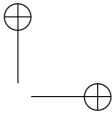
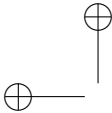
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: Américo Pereira

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2008





Nietzsche (Friedrich Wilhelm) *

Manuel Barbosa da Costa Freitas
Universidade Católica Portuguesa

Filósofo alemão, filho e neto de pastores luteranos (nasceu em Röcken, perto de Lutzen, na Saxónia, em 15.10.1844, e faleceu em Weimar, em 25.8.1900). A educação recebida no ambiente familiar foi completada no colégio protestante de Pforta, célebre pela sua tradição humanista e luterana, que o pôs em contacto com uma visão intelectual do Cristianismo muito próxima da *Aufklärung* - a razão com a sua exigência de coerência lógica a servir de critério para a compreensão da Escritura. Aí descobre também o universo grego e a sua cultura, que acabará por se impor como espaço exclusivo da sua reflexão. Já então o seu espírito crítico começava a rejeitar as antigas tradições familiares, preparando a ruptura definitiva com o Cristianismo. Em 1864, inscrito em Teologia na Universidade de Bona, frequenta estudos de Filologia Clássica, que continuará em Leipzig, sob a orientação de Fr. W. Ritschl. Pouco a pouco, o pensamento helénico passou a constituir a referência definitiva do seu pensamento sobre o homem, sobre a vida e sobre o mundo.

*Inicialmente publicado em *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Vol. III, Editorial Verbo, Lisboa / S. Paulo, 1991, cols.1158-1167

Nomeado professor de Filologia na Universidade de Basileia, em 1869, aí permanece até 1879, ano em que, por motivo de doença grave contraída, ao que parece, na juventude, pede a demissão. Inicia então um período de vida errante pela Sicília, Rapallo, Nice, Turim, etc., com longas demoras em Sils-Maria, vale do Inn, à procura de um clima mais ameno para a sua abalada saúde. Entretanto, as publicações sucedem-se a um ritmo febril, ao mesmo tempo que cria relações de amizade quase sempre acabadas em rupturas dolorosas. A 3.1.1889 é acometido, em Turim, por um violento ataque de "paralisia progressiva", acompanhada de perturbações cerebrais, de que jamais recuperará. Internado durante algum tempo em Basileia e em Iena, é depois assistido por sua mãe a partir de 1890 e, à morte desta, em 1897, por sua irmã Elisabeth Förster-Nietzsche, em Weimar, onde vem a falecer, a 25.8.1900.

Nietzsche é autor de uma obra considerável, na qual sopra sobre o velho mundo cristão um *vento de degelo*, que a partir da *Gaia Ciência* (1881) e passando pelo *Assim Falava Zaratustra* (1885) irá culminar no *Anticristo* e no *Ecce Homo* (1888).

As suas obras são feitas do seu próprio drama e daquilo que para ele sempre representou o maior inimigo. De facto, Nietzsche não se esqueceu de apontar no Cristianismo a *mais nefasta das seduções e das mentiras ao qual disputará todas as posições*, numa luta aberta e sem tréguas. E isto porque o Cristianismo, a seu ver, toca a questão fundamental que instaura o acto filosófico por excelência: a questão do valor do homem e da vida. O projecto de toda a sua vida consistiu em tentar substituir o Evangelho, acusado de ensinar e de propor uma doutrina triste e mortal, por um saber alegre e exaltante.

É nesta perspectiva e segundo o esquema tripartido da metamorfose do camelo, do leão e da criança que Nietzsche relê o destino da cultura ocidental. De notar que estas três metamorfoses simbolizam, a par da história da Humanidade e talvez do itinerário espiritual de Nietzsche, uma estrutura de experiências e de atitu-

des que entre si se podem opor e digladiar. O período da história a cujo termo lhe é dado assistir manteve-se dominado por largo tempo pelos valores cristãos, que caracterizam o "espírito do camelo", ou seja, o espírito de obediência, de sujeição e veneração das velhas tábuas da lei. É um espírito forte e vigoroso, heróico até, que carrega sobre si todos os valores, da religião à moral e da moral ao conhecimento. Apresenta como denominador comum o carregar, o assumir, o dizer sim a todas as imposições e imperativos do grande dragão que é para Nietzsche o *tu debes* e que o espírito do camelo toma como divisa, quer proceda de um Deus, de um senhor ou de si mesmo. Este período ou estágio é dominado por valores já estabelecidos, fixados num céu religioso, moral ou científico, que reduzem o homem a um *animal atento e venerador*. Carregando todo este peso, o espírito de camelo apressa-se fatalmente para o *deserto*, não só de todos os valores divinos e humanos, mas da ausência radical de todo e qualquer valor. O momento em que o último homem descobre que tudo é vão corresponde à transformação do camelo em leão, o qual, em vez de mergulhar no niilismo do deserto, se revolta contra o princípio e o nada dos valores que até então carregou submissamente. Ao *tu debes* o leão opõe um *eu quero*. Ao princípio donde dependiam os valores até então vigentes opõe um outro princípio, que irá ditar e impor novos valores por então desconhecidos. Ao *sim* do camelo, que consiste em assumir, opõe um *não* triunfante, espezinhando todos os fardos, inclusive o fardo do niilismo. Esta atitude mental corresponde ao segundo período da história, contemporâneo de Nietzsche, cuja característica essencial é a revolta, apanágio do leão. Zaratustra é da raça dos leões quando rompe as velhas tábuas da lei, mas é também o profeta de um mundo novo. Nietzsche introduz aqui o tema do niilismo europeu, apostado em liquidar a herança cristã, mas incapaz de criar novos valores. Ao fazer o diagnóstico de uma civilização decadente, assente numa confiança cega na ciência, na história, na idolatria do progresso social e económico, Nietzsche

entrega-se a um gigantesco esforço de desmistificar a cultura já feita ou passivamente recebida, para abrir caminho, a *golpes de martelo*, até à *transmutação de todos os valores*. No propósito de anunciar o *Crepúsculo dos Ídolos* (1889) empenha-se na desmontagem da sub-reptícia e insidiosa *Genealogia da moral* (1887), e isto porque pretende acabar de vez com o dualismo platónico, com a ideia de *modelo*, recolhido e sublimado pelo Cristianismo - um platonismo para o povo. Nada de ideias eternas de que os seres seriam simples cópias; não existem cópias e muito menos cópias de cópias, pela simples razão de que não existe modelo algum. Libertado de todas as caravanas de camelos que nada mais fazem do que atravessar pachorrentamente a imensidão do deserto (niilismo passivo), o leão tornou-se senhor do seu próprio deserto, lançando o pânico e a destruição à sua volta (niilismo activo). Mas é necessário dar continuidade a esta destruição, a este niilismo activo, é necessário um novo período, uma nova metamorfose, de modo que o leão se transforme em *criança, inocência e esquecimento*, a inaugurar uma nova era, que diga *sim* ao jogo espontâneo da criação e da vida: doravante nem Deus nem homem acima do eu, apenas o instinto criador que, a cada momento, considera o Mundo como um jogo e um começo sagrados. É que a criança já esqueceu e ainda não sabe carregar. Com a sua força criadora, ela vem substituir, não só os valores estabelecidos, mas o princípio de toda a possível dijudicação. Ao *não* do leão sucede um novo *sim*, que não é o *sim* do camelo que carrega, mas da criança que cria, uma afirmação que se confunde com a leveza e a graça da aurora. Expressões como *sem Deus, descrente, imoralista*, para qualificar esta posição de Nietzsche, são justas, como observa Marcel Neusch, mas, no fundo, não correspondem a atitudes reactivas e provisórias definitivamente ultrapassadas pelo *sim* último à vida e ao mundo. Aqui radicam o ludismo e o estetismo de Nietzsche, que celebra a *inocência do devir*, porque situado sempre *Para além do Bem e do Mal* (1886). O projecto filosófico de Nietzsche consiste em su-

perar o Cristianismo; para tanto, proclama-se niilista, mas o seu niilismo não se deve confundir com o niilismo passivo dos seus contemporâneos, cujas contradições denunciou de modo implacável. O seu niilismo activo é já o do super-homem, para o qual não existem céus inteligíveis nem *outros* mundos nem distinção entre o ilusório e o real. O super-homem é o tipo da mais elevada plenitude, cujos traços só é possível adivinhar por contraste com tudo o que é rejeitado. Ele representa e simboliza quanto há de mais contrário aos bons, aos cristãos e também aos niilistas de profissão, atolados no seu niilismo sem saída possível. É o eu em toda a sua plenitude de auto-suficiência, autor e senhor do seu próprio poder. Não se trata de celebrar a superioridade de cada um sobre os outros, mas de consagrar o domínio sobre si próprio, como fonte e princípio de todos os valores, cuja reacção é sempre dominada e excedida pela *acção*. É necessário substituir a vontade que do exterior pretende ditar e impor os fins da vida por uma vontade própria, independente e autónoma, que a si mesma se dê os fins e os meios do seu agir. É esta a *vontade de poder* (*Wille zur Macht*) que se afirma não tanto como vontade de domínio sobre os outros, como queriam sua irmã, Elisabeth Förster-Nietzsche, e Peter Gast, manipulando os seus escritos, mas como força e capacidade para conter e dirigir o seu próprio dinamismo interior. Para tal, não basta anunciar a morte de Deus, é necessário perseguir até a sua sombra que se infiltra e oculta por toda a parte onde subsista uma regra ou uma norma ainda que de simples gramática. É necessário liquidar, uma vez por todas, os imperativos categóricos das novas prisões que acorrentam o homem a uma verdade que não é sua. É necessário viver perigosamente, percorrendo mares inexplorados, participando em todos os festins do conhecimento, lançando em todos os sentidos antenas e tentáculos, aprendendo a beber por todas as taças. É que o homem deve ser constantemente superado: do mesmo modo que passamos do verme ao homem, temos de passar do homem ao super-homem. O triunfo do niilismo

activo de Nietzsche culmina na libertação da própria noção de verdade, porque existem muitos olhos e muitas espécies de verdade e, portanto, nenhuma verdade. Será necessário suprimir o *mundo verdadeiro* e dizer que a verdade não passa de uma outra forma de erro. É que o mundo pretensamente verdadeiro deprecia o *mundo que nós somos* e constitui o mais perigoso atentado contra a vida. *Pensadores alciónicos*, ultrapassando os conceitos de crime e castigo, descobriremos a ilusão e concluiremos que *tudo é falso, tudo é permitido*. O homem já não é um fim, mas uma ponte. Para chegar ao super-homem há que denunciar todos os alucinados do além, aqueles que se limitam a rezar em vez de abençoarem tudo quanto lhes acontece. Sobretudo, deve ser denunciada a superstição dos lógicos, que pensam haver um sujeito para o verbo pensar na expressão *eu penso*, quando na verdade o sujeito não passa de uma simples *ilusão gramatical*. Necessário ainda acabar com os *niveladores*, construtores de um igualitarismo democrático destinado a realizar a felicidade do rebanho, de um bem-estar, de uma facilidade e comodidade de vida para todos, que é a maneira mais expedita de reduzir o homem à mediocridade dos seus desejos, ao tamanho comum, à estatura de nada e ninguém. Necessário, por último, fazer o levantamento da *Genealogia da moral* (1887), a fim de desmascarar a fonte de preconceitos morais e de manobras escuras do *homem do ressentimento*, a querer impor aos *senhores a moral dos escravos*, dos falhados, dos doentes e covardes - o maior obstáculo ao advento do super-homem.

Recusa da moral, o super-homem é também a *rejeição* da religião. A fórmula *Deus morreu*, símbolo da finitude humana em Hegel, é para Nietzsche o resumo do destino da civilização ocidental, que pôs fim ao reino de Deus. Se a notícia corre discreta e não chegou ainda a todos os ouvidos, nem por isso deixa de ser um facto irreversível, do qual importa extrair todas as consequências. E Nietzsche apresenta-se a si mesmo como o único ateu de rigor: à certidão de óbito segue-se a instrução do processo destinado a

explicar a génese do Cristianismo na alma do crente. No termo da psicanálise a que submete a religião cristã Nietzsche descobre, mais uma vez, o mecanismo assolapado e subversivo do ressentimento a dar origem a uma religião *reactiva*, de *escravos*, ávidos de desforra e vingança, a transformar o não-valor em valor. É a rejeição da mediação que aqui está em causa. Perante a reconhecida insuficiência do homem, o Cristianismo oferece-lhe a mediação de Cristo. Esta tornou-se intolerável para o homem nietzschiano, cioso da suficiência que a si mesmo se outorgou e que o faz único senhor do seu destino (vontade de poder). No entanto, a rejeição do Cristianismo é mais a substituição de uma divindade por outra do que a eliminação da ideia de divindade. Eliminadas a religião e a moral, subsiste o *sentimento religioso*, que se torna amor do ideal.

A escolha é agora entre o Crucificado e Dioniso, como o próprio Nietzsche expressamente o declara: "O Deus pregado na cruz é uma maldição da vida, uma advertência para nos livrarmos dele; Dioniso esquartejado é uma promessa de vida a renascer eternamente da sua destruição." Uma vez rejeitado o Cristianismo, Nietzsche arvora-se em profeta do Deus da vida, promessa da plena realização do homem. Com razão escreveu Lou Salomé que Nietzsche toda a vida se esforçou por descobrir através das diferentes figuras de divinização de si mesmo um substituto para o Deus morto. De facto Dioniso, Zaratustra e o super-homem parecem constituir outras tantas encarnações daquilo que Nietzsche procurou pôr no lugar do cadáver de Deus. Mas quis igualmente substituir o céu inteligível e o outro mundo, constantemente denunciados, por alguma coisa que desse sentido à vida e legitimidade à *Gaia Ciência*. Esta missão haveria de caber à teoria do *Eterno Retorno*, verdadeira escatologia no e pelo tempo. O instante é concebido como um átomo da eternidade, como um fragmento do Idêntico que sempre de novo nos arrebatava e empolga. Daqui que o *amor fati* não signifique submissão a uma necessidade, mas a satisfação

permanente de ser o que sou: um eterno presente, uma fulguração do Idêntico. Assim se compreende que, na celebração de Dioniso em *A Origem da Tragédia* (1872), Nietzsche exalte o êxtase de si mesmo, a união com o todo, a fusão no oceano de todos os possíveis. Aí se mostra como a vaga dionisíaca triunfa das construções apolíneas e, rompendo o véu da individuação, nos introduz na intimidade das coisas. Nas tragédias gregas, em que Dioniso desempenha papel de relevo, e nos pré-socráticos encontramos a mesma glorificação da vida entendida como instrumento de conhecimento e como uma obra de arte.

Nietzsche é um pensador trágico que se exprime frequentemente através de aforismos, que dizem mais do que explicam. A sua obra comunga ao mesmo tempo do género poético, da confiança dramática e da reflexão filosófica. Homem de contradições, importa não esquecer, como justamente advertem K. Jaspers e Lou Salomé, que sempre que afirma alguma coisa é preciso procurar a passagem da sua obra onde se afirma o contrário, não pelo simples prurido do paradoxo e das antinomias, mas pela abundância torrencial de uma tumultuosa inspiração.

O Deus que Nietzsche rejeita é inegavelmente o *Deus moral*, inquiridor e indiscreto, que com o seu olhar penetrante e aterrador esmaga e paralisa o homem. É necessário que este curioso morra para que o homem possa viver. Seria legítimo esperar que o desaparecimento deste Deus moral de ascendência kantiana abrisse espaço para um outro Deus a morar para lá dos humanos padrões do bem e do mal. De facto, Nietzsche, apesar de todo o seu ímpeto destruidor, vive numa tensão permanente para um ideal de afirmação de alegria, de quase beatitude (misticismo?). E o próprio Cristianismo é por ele acusado de ter perdido o sentido realmente divino do mundo, de ser demasiado humano e, falho de distância e deferência, de ter pactuado com a sonolência e o antropomorfismo do rebanho, da mediania, da banalidade e indiferença. De modo que só resta o homem-deus, uma roda que gira sobre si mesma,

mas possuída de uma vontade de artista que joga o jogo capitoso e inebriante do mundo dentro das possibilidades inauditas do seu eterno retorno.

A crítica movida por Nietzsche ao cristianismo sofre dos limites impostos por uma tradição pietista e nominalista incriticamente recebida e pelo contexto liberal e racionalista do século XIX. De resto, a radicalidade da crítica das ilusões ordenada à afirmação redentora da vida, porque desamparada de equivalente suporte intelectual, deixa afundar o sim insistentemente invocado no mesmo desolador niilismo que pretende superar. Mas a crítica de Nietzsche, de grande profundidade e nobreza, porque atinge a própria validade antropológica do Cristianismo, não deixou o mundo cristão indiferente. Max Scheler, K. Jaspers, K. Löwith, G. Marcel, Mounier, G. Morel, H. de Lubac, P. Valadier, G. Goedert, Yves Ledure, Marcel Neusch, entre outros, aceitando o desafio, alcançam vingar, cada um a seu modo, a perene legitimidade do discurso cristão.

Obras principais: *Geburt der Tragödie*, Basileia, 1872 (*Origem da Tragédia*); *Unzeitgemässe Betrachtungen*, 4 vols., Chemnitz, 1873-1876 (*Considerações Inactuais*); *Menschliches Allzumenschliches*, 2 vols., Chemnitz, 1878-1880 (*Humano Demasiado Humano*); *Morgenröte*, 1881 (*Aurora*); *Die fröhliche Wissenschaft*, 1882 (*A Gaia Ciência*); *Also sprach Zarathustra*, 4 vols., 1883-1885 (*Assim Falava Zarathustra*); *Jenseits von Gut und Böse*, 1886 (*Para além do Bem e do Mal*); *Genealogie der Moral*, 1887 (*Genealogia da Moral*); *Der Wille zur Macht*, 1901 (conjunto de notas manuscritas reunidas segundo uma ordem arbitrária e publicadas por sua irmã). Da grande obra projectada apareceram apenas os seguintes fragmentos: *Der Fall Wagner* (*O Caso Wagner*), *Götzendämmerung* (*O Crepúsculo dos Ídolos*), *Der Antichrist* (*O Anticristo*) e o *Ecce Homo*, 1888.

Edições: existem várias edições completas. Encontra-se em adiantado curso de publicação uma nova edição crítica preparada por G. Colli e M. Montinari segundo os manuscritos originais e intitulada *Nietzsches Werke; Kristische Gesamtausgabe*, Berlim, 1967 ss., de que existem traduções francesa e italiana.

Bibliografia: Karl Jaspers, *Nietzsche. Introduction à sa philosophie* (trad. fr.), Paris, 1950; Charles Andler, *Nietzsche. Sa vie et sa pensée*, Paris, 1958; Karl Schlehta, *Le Cas Nietzsche*, Paris, 1960; Martin Heidegger, *Nietzsche*, Neske, 1961 (trad. fr.), 2 vols., Paris, 1971; Eugen Biser, *Gott ist tot, Nietzsches Destruktion des christlichen Bewusstseins*, Munique, 1962; Jean Granier, *Le problème de la Vérité dans la philosophie de Nietzsche*, Paris, 1966; id., *Nietzsche*, Paris, 19893; Eugen Fink, *La philosophie de Nietzsche*, Paris, 1966; Gilles Deleuze, *La philosophie de Nietzsche*, Paris, 1967; id., *Nietzsche et la philosophie*, Paris, 19703; AA. VV., *Nietzsche*, Cahiers de Royaumont, Philosophie, n.º VI, Paris, 1967; Georges Morel, *Nietzsche. Introduction à une première lecture*, 3 vols., Paris, 1971; AA. VV., *Nietzsche aujourd'hui?* (colóquio organizado em Cerisy-la-Salle em 1972), Paris, 1973; Emmanuel Diet, *Nietzsche et les métamorphoses du divin*, Paris, 1972; Yves Ledure, *Nietzsche et la religion de l'incroyance*, Paris-Tournai-Roma, 1973; id., *Lectures "chrétiennes" de Nietzsche*, Paris, 1984; Paul Valadier, *Nietzsche et la critique du christianisme*, Paris, 1974; id., *Nietzsche l'athée de rigueur*, Paris, 1975; id., *Jésus-Christ ou Dionysos. La foi chrétienne en confrontation avec Nietzsche*, Paris, 1979; Georges Goedert, *Nietzsche critique des valeurs chrétiennes. Souffrance et compassion*, Paris, 1977; Karl Löwith, *Nietzsches Philosophie der Ewigen Wiederkunft des Gleichen*, Hamburgo, 19783; Curt Paul Yanz, *Nietzsche. Biographie*, 3 vols., Munique-Viena, 1978; Charles Murin, *Nietzsche Problème. Généalogie d'une pensée*, Paris, 1979; E. Blon-

del, *Nietzsche: le 5e évangile*, Paris, 1980; id., *Nietzsche. Le corps et la culture. La philosophie comme généalogie philologique*, Paris, 1986; Walter Kaufmann, *Nietzsche. Philosoph-Psychologe-AntiChrist* (trad. do americano), Darmstad, 1982; Ursula Schneider, *Grundzüge einer Philosophie des Glücks bei Nietzsche*, Berlin, 1983; Marcel Neusch, "Nietzsche", em *Dictionnaire des Religions*, Paris, 19852, p. 1195 ss.; Mathias Lutz, *Über Friedrich Nietzsche. Eine Einführung in seiner Philosophie*, Frankfurt am Main, 1985; AA. VV., *Nouvelles lectures de Nietzsche*, Lausana, 1985; Inn Frenzel, *Friedrich Nietzsche*, Hamburgo, 1989.